

ATA DA 007ª SESSÃO ESPECIAL DA
4ª SESSÃO LEGISLATIVA DA 17ª LEGISLATURA
REALIZADA EM 17 DE MARÇO DE 2014 EM
COMEMORAÇÃO À CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2014
PRESIDÊNCIA DO SENHOR DEPUTADO JOARES
PONTICELLI

O SR. PRESIDENTE (Deputado Joares Ponticelli)
- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a
presente sessão especial.

Convido para compor a mesa as excelentíssimas
autoridades que serão nominadas a seguir:

Excelentíssimo senhor deputado Padre Pedro
Baldissera, autor do requerimento que ensejou a
presente sessão especial;

(Palmas)

Senhor coronel PM Fernando de Menezes,
secretário-adjunto da secretaria de estado da
Segurança Pública, representando neste ato o
excelentíssimo senhor governador do estado, João
Raimundo Colombo;

(Palmas)

Excelentíssima senhora Luci Choinacki,
deputada federal pelo estado de Santa Catarina;

(Palmas)

Senhor Guilherme Pontes, coordenador da
juventude, neste ato representando o
excelentíssimo senhor Cesar Souza Júnior, prefeito
do município de Florianópolis;

(Palmas)

Vossa excelência reverendíssima dom Wilson
Tadeu Jönck, digníssimo arcebispo metropolitano de
Florianópolis;

(Palmas)

Senhor Glauco José Côrte, presidente do
sistema Federação das Indústrias do Estado de
Santa Catarina - Fiesc;

(Palmas)

Senhor Attilio Colitti, vice-cônsul honorário
da Itália em Florianópolis;

(Palmas)

Excelentíssimo senhor Fabio Porta, deputado do Parlamento italiano;

(Palmas)

Irmã Elizete Perondi, neste ato representando a Conferência dos Religiosos do Brasil;

(Palmas)

Senhora Miryan Castelli, autora do livro *O Santo Padre João Paulo II* e apresentadora do programa *Cristianitá*.

(Palmas)

Excelentíssimas autoridades, sras. deputadas e srs. deputados, a presente sessão alusiva à Campanha da Fraternidade 2014, que tem como tema Fraternidade e Tráfico Humano e lema *É para Liberdade que Cristo nos Libertou*, foi convocada por solicitação do sr. deputado Padre Pedro Baldissera, segundo-vice-presidente da Mesa Diretora, e aprovada por unanimidade pelos demais parlamentares que compõem esta Casa.

Neste momento, teremos a interpretação do Hino Nacional pelo Coral da Assembleia Legislativa, sob a regência do maestro Reginaldo da Silva.

(Procede-se à interpretação do hino.)

Convidamos ainda para compor a mesa ele, que já integrou esta Casa Legislativa e que hoje nos representa na Câmara Federal, o excelentíssimo deputado federal Pedro Uczai.

(Palmas)

Esta Presidência registra e agradece a presença das seguintes autoridades:

Senhor delegado Clyton Eustaquio Xavier, superintendente regional da Polícia Federal de Santa Catarina;

Senhor Eduardo Veronese, neste ato representando a Comissão de Direitos Humanos da OAB de Santa Catarina;

Senhor doutor Ildo Raimundo da Rosa, delegado da Polícia Federal;

Senhor Roberto Cardoso, delegado da Polícia Federal;

Senhor Juliano Primo Pedrini, vice-presidente, neste ato representando o senhor Anderson Amorim, presidente do Sindicato da Polícia Civil de Santa Catarina;

Senhor Ademir Freitas, secretário executivo da CNBB, Regional Sul 4;

Padre Clóvis Cavalheiro, representando o Apostolado da Oração da Arquidiocese de Florianópolis e a reitoria da Igreja Santa Catarina de Alexandria;

Padre Pedro José Koeller, capelão do Imperial Hospital de Caridade, sempre presente nos eventos desta Casa, e faz-se necessário o registro, e seja bem-vindo mais uma vez;

Senhor Jorge Leonardo Nesi, prefeito municipal de Gravatal;

Frei Gentil de Lima Branco, do Santuário de Angelina;

Senhora Marilda de Souza Velho, coordenadora estadual da Pastoral da Saúde;

Senhora Marcia Rejane Hendges, representando neste ato o delegado Vanderlei Redondo, da Delegacia de Pessoas Desaparecidas de Santa Catarina;

Professor Afonso Luiz Silva, diretor-geral do Colégio Catarinense;

Senhora Leny Baessa Nunes, presidente do Conselho Municipal do Idoso de Florianópolis;

Senhora Maria Glória da Silva, coordenadora arquidiocesana dos Grupos Bíblicos em Família e CEBs;

Senhora Tania Regina Zimerman Meurer e Pedro Paulo Meurer Junior, casal coordenador do Apostolado da Oração da Arquidiocese de Florianópolis;

Senhora Vilma Fetter e senhor Nestor Fetter, casal coordenador da Pastoral Familiar;

Senhor Jairo Aderbal, coordenador do Movimento de Irmãos da Paróquia Sagrado Coração de Barreiros;

Senhor Valdomiro da Silva Cardoso, representando o Movimento de Cursílios de Cristandade de Florianópolis;

Senhores representantes do Movimento de Irmãos Shalom, da Arquidiocese de Florianópolis;

Senhor Ulian Dalpiaz, coordenador estadual da Pastoral da Juventude.

Esta Presidência registra e agradece a presença de tantas outras autoridades e apresenta desculpas se, eventualmente, alguma delas deixou de se apresentar ao protocolo.

A seguir, teremos a apresentação de um vídeo produzido pela CNBB.

(Procede-se à apresentação de vídeo.)

(Palmas)

Esta Presidência registra, com muita alegria, a presença da sra. Sandra Moreno, autora do projeto de lei de iniciativa popular, no estado de São Paulo, pela pessoa desaparecida.

Neste momento, convido para fazer uso da palavra o sr. deputado Padre Pedro Baldissera, na qualidade de autor do requerimento que ensejou a presente sessão.

O SR. DEPUTADO PADRE PEDRO BALDISSERA - Excelentíssimo sr. presidente desta Casa em exercício, deputado Joares Ponticelli; sr. coronel da Polícia Militar Fernando Menezes, secretário-adjunto da secretaria de estado de Segurança Pública, representando neste ato o excelentíssimo governador do estado, Raimundo Colombo; excelentíssimo sr. deputado federal Pedro Uczai; excelentíssima sra. deputada federal Luci Choinacki; sr. Guilherme Pontes, coordenador da Juventude, neste ato representando o excelentíssimo sr. Cesar Souza Júnior, prefeito de Florianópolis; vossa excelência reverendíssima dom Wilson Tadeu Jönck, digníssimo arcebispo metropolitano de Florianópolis; sr. Glauco José Côrte, presidente do Sistema Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina - Fiesc; sr. Attilio Colitti, vice-cônsul honorário da Itália em Florianópolis; excelentíssimo sr. Fábio Porta, deputado do Parlamento Italiano; sra. irmã Elizete Perondi, neste ato representando a Confêrencia dos Religiosos do Brasil; sra. Miriam Castelli, autora do livro *O Santo Padre João Paulo II* e apresentadora do Programa *Cristianitá*.

Saúdo também todos os religiosos presentes, os agentes de pastoral, das pastorais sociais, das organizações e dos movimentos sociais, os nossos homenageados e as nossas homenageadas desta noite,

cada um e cada uma que nos dão a alegria e a honra de estarem presentes nesta noite, no momento em que celebramos, dentro do Parlamento catarinense, a Campanha da Fraternidade.

(Passa a ler.)

"A Campanha da Fraternidade é um momento ímpar para que a sociedade reflita, organize e atue de forma mais aprofundada sobre temas que atingem todas as pessoas. Este compromisso assumido pela CNBB já ultrapassa os 50 anos e mostra um profundo engajamento com as causas do povo. É esta a igreja viva e atuante que cada um de nós constrói dia a dia.

No caso da Campanha da Fraternidade deste ano, cuja temática volta-se ao tráfico humano, encaramos uma dura realidade: a escravidão do homem pelo homem. O tráfico humano é a terceira atividade ilícita que mais lucros garante, e também é uma das mais cruéis. São mais de US\$ 30 milhões por ano movimentados a partir da ideia de que um ser humano precisa ter a vida destruída para que outro ser humano ganhe economicamente.

No ano de 2013, a Assembleia Legislativa se engajou na campanha Onde está Você?, de apoio à angustiante busca de muitas famílias de desaparecidos. E o mesmo fizeram diversos veículos de comunicação e entidades. Tudo colaborou para que muitas crianças, jovens e adultos fossem encontrados, ou que a esperança permaneça. No entanto, em muitos casos persiste a dúvida e a angústia.

A crueldade dessa constatação nos obriga a refletir sobre as razões que nos levaram a este ponto na história da humanidade, quando, em nome de dinheiro, uma pessoa é capaz de entregar a vida de um irmão ou irmã à dor e à violência. Todas as formas de tráfico de pessoas destroem, seja para a venda de bebês, de órgãos ou para a escravidão a partir do trabalho. E isso atinge o Brasil e Santa Catarina. Basta lembrar aqui dos diversos casos em que trabalhadores foram libertados, no interior do estado, em situação de escravidão.

Estima-se em mais de 21 milhões o número de pessoas atingidas pelo tráfico humano ou pela

escravidão no mundo. A exploração pelo trabalho representa 78% e a exploração sexual 22%. Cerca de 74% das vítimas são adultos e 26% crianças; 55% são mulheres, 45% homens; em 44% dos casos, essa exploração se dá no decorrer de uma migração seja dentro ou fora do próprio país.

Todos os anos certa de 140 mil mulheres são traficadas e exploradas sexualmente em países da Europa. Entre elas, 13% são sul-americanas. Dentro do Brasil, uma pesquisa identificou 241 rotas de tráfico para fins de exploração sexual.

Segundo a Organização Internacional para Migrações, o tráfico de pessoas e o contrabando de migrantes estão crescendo na América Latina em função do aumento da demanda e da tendência em importar trabalho barato em condições precárias.

Estes números só demonstram a importância de, com toda urgência, nós nos voltarmos a uma reflexão sobre que mundo estamos construindo, e que valores norteiam essa construção. Acredito, humildemente, que está doente uma sociedade cuja base de interesse é voltada quase que exclusivamente ao lucro. E o melhor remédio para ela é semear solidariedade e a capacidade de olhar, a partir dos nossos irmãos e irmãs, tudo que nos cerca.

E é isto que a Campanha da Fraternidade, ano a ano, propõe à sociedade: a reflexão para que situações de injustiça flagrantes sejam modificadas a partir de nossa organização e ação. E a nós, cidadãos e cidadãs desta sociedade, cabe-nos responder a este chamado. Nada é mais vivo do que lutar pela vida, e lutar pela vida de todos e todas que estão ao nosso redor."

Este é o desafio que se impõe no dia a dia a todos nós, filhos e filhas.

Muito obrigado!

(Palmas)

(SEM REVISÃO DO ORADOR)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Joares Ponticelli)
- Esta Presidência tem adotado a prática de presidir as sessões solenes e especiais até o momento em que o autor do requerimento que ensejou a sessão se pronuncie. E, na sequência, como forma

de homenagear e prestigiar o colega parlamentar que tomou a iniciativa, sempre passo a condução dos trabalhos daqui para frente para o autor. No caso, na sessão de hoje, é o nosso querido deputado, prezadíssimo amigo, nosso vice-presidente, deputado Padre Pedro Baldissera.

Mas, antes de passar a condução dos trabalhos ao nosso querido vice-presidente, também quero fazer uma breve manifestação, até porque não terei outra oportunidade, senão faria no encerramento das atividades.

A minha palavra primeira é de agradecimento ao querido amigo desta Casa, o major Marcos Claudino, que foi quem, justiça seja feita, a partir de agosto e setembro do ano passado, iniciou e pautou, por decisão da Mesa Diretora, um especial tempo desta Casa para esta causa.

Eu já confessei publicamente, e por isso não tenho nenhuma dificuldade de repetir a confissão, e apesar de quase 18 anos de mandato, dois na Câmara Municipal de Tubarão e quase 16 anos nesta Casa, deputada Luci Choinacki e deputado Pedro Uczai, a minha quase ignorância completa sobre os números, especialmente, de desaparecimentos no Brasil a cada ano. Aliás, esta Casa, quando recebeu aqui o major Claudino e os seus, dispensou atenção exatamente por se surpreender com os números e entender que esta tinha que ser uma das suas bandeiras. E aqui, em seu nome, major Claudino, quero cumprimentar a Polícia Militar de Santa Catarina, as ONGs e os profissionais e voluntários que se dedicam a essa causa.

E aí, por conta dessa parceria que celebramos e do apoio que o major Claudino veio solicitar a esta Casa, empreendemos, no final do ano passado, em parceria com todos os veículos de comunicação do nosso estado... E até quero agradecer, mais uma vez, porque foram extremamente sensíveis, às várias entidades, as quais homenageio em nome do querido amigo presidente Glauco José Côrte, da Fiesc, que veio também, em nome daquela importante federação, procurar esta Casa para dizer: "Nós, da Fiesc, queremos abraçar essa causa". E firmamos, inclusive, um protocolo de parcerias.

Para aquela campanha nós recebemos, deputado Padre Pedro Baldissera, inúmeras manifestações de catarinenses, detentores de mandato, pessoas com poder e com liderança que também não conheciam, dom Wilson, os alarmantes números do tráfico de pessoas em Santa Catarina, no Brasil e no mundo, mas estamos tratando, especialmente, dos números em nosso estado.

Por isso, quero agradecer a todos que foram e continuarão parceiros, porque esta Casa, independentemente da gestão da Mesa, vai continuar pautando e priorizando esse assunto. E a primeira autoridade que fomos procurar foi exatamente o bispo de Tubarão e o nosso arcebispo dom Wilson para dizer que esta Casa vai continuar debatendo e pautando esse assunto, porque essa é a nossa obrigação. Estamos, em parceria com várias entidades, sob a coordenação do deputado Padre Pedro Baldissera e de diversos setores desta Casa, elaborando um grande evento, um grande seminário, ocasião em que iremos, com a ajuda do Claudino, trazer autoridades em cada um dos segmentos do problema para fazer uma profunda discussão nesta Casa, possivelmente na primeira semana de maio.

Ao mesmo tempo, cumprimento, dom Wilson, a nossa igreja, a CNBB, pela coragem de pautar um tema tão delicado, um tema que eu também não sabia. E através de um debate que fazíamos pela TVAL, na Unisul, na última quinta-feira, também foi trazido um número impressionante, dando conta de que essa indústria criminosa já pode ser a segunda no mundo, perdendo apenas para o tráfico de armas, e se não ultrapassou, está prestes a ultrapassar a lucrativa indústria do crime do tráfico de drogas. Eu me surpreendi com esse número também.

No momento em que fizemos uma avaliação da campanha com a ONG, com os voluntários, fiquei extremamente sensibilizado, porque também sou pai, quando ouvi manifestos de mães de desaparecidos que até hoje não conseguiram sequer dar uma sepultura ao filho. Porque pior do que para um pai sepultar um filho deve ser a dor de um pai que

sequer sabe se esse filho está vivo, morto, de que padece, ou se sequer uma sepultura digna recebeu.

Por isso, quero aproveitar este importante público que aqui está para homenagear, mais uma vez, o major Marcos Claudino e convidá-los para o lançamento, amanhã, às 19h, no *hall* deste Poder, do seu livro, e acabei de receber o primeiro exemplar e agradeço em nome de toda a Casa, *Mortos sem Sepultura*. É uma importante obra e uma importante contribuição que a Polícia Militar de Santa Catarina, através do dedicado trabalho do referido major, vai oferecer à sociedade catarinense.

Espero que todos nós possamos continuar engajados nessa luta. Tenho certeza de que daqui até a Páscoa, em todos os eventos que a nossa Igreja realizar, esse será o assunto prioritário. Mas que nós outros, em todas as demais instituições, em todas as oportunidades que tivermos, possamos fazer a nossa parte para minimizar a dor daqueles que padecem por conta de uma indústria criminosa tão poderosa que precisa ter uma ação forte, sem medo, com muita coragem, segurando na mão de Deus para fazer o enfrentamento, porque o bem haverá de prevalecer.

Parabéns a todos que se dedicam a essa causa e, neste momento, com muita alegria, passo o comando dos trabalhos desta sessão ao seu autor, o nosso querido deputado Padre Pedro Baldissera.

Muito obrigado!

(Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Padre Pedro Baldissera) - Muito obrigado, deputado presidente Joares Ponticelli.

Dando, então, continuidade à sessão especial desta noite alusiva à Campanha da Fraternidade, convido para fazer uso da palavra a irmã Elisete Perondi, representando neste ato a Conferência dos Religiosos do Brasil - CRB.

A IRMÃ ELISETE PERONDI - Saúdo o deputado Padre Pedro Baldissera e, em seu nome, todos os membros da mesa aqui presentes; vossa excelência reverendíssima dom Wilson Tadeu Jönck, arcebispo de Florianópolis; todos os participantes desta

sessão especial e os religiosos e as religiosas que aqui se fazem presentes nesta noite.

(Passa a ler.)

"Representando a CRB de Florianópolis, na pessoa do coordenador, irmão Plácio José Bohn, vou falar a respeito do projeto da CRB nacional denominado rede Um Grito pela Vida, que vem somar forças na Campanha da Fraternidade deste ano de 2014 junto com a igreja do Brasil.

Antes de falar do projeto, destaco que a CRB - Conferência dos Religiosos do Brasil - surgiu em 11 de fevereiro de 1954, cuja finalidade é manter a união dos religiosos e somar forças na evangelização.

No Brasil somos 35.651 religiosos distribuídos nas 20 Regionais, sendo 342 institutos religiosos de vida apostólica, 34 denominados de Sociedade de Vida Apostólica e 42 Institutos de Vida Monástica e Contemplativa, perfazendo um total de 418 instituições com seus carismas distintos. As instituições femininas são em número de 322 e as masculinas são em número de 96. As congregações que possuem sede geral no Brasil são 150 e fora do Brasil 236. Temos instituições sem dados e endereços que somam o número de 32 ou mais.

Em Santa Catarina o número de religiosos é de, aproximadamente, 1.500 espalhados nos dez núcleos existentes, sendo um em cada diocese.

A rede Um Grito pela Vida vem sendo organizada nas 20 Regionais ligadas à CRB nacional, com a participação de religiosas e religiosos de diversas congregações. É uma iniciativa que surgiu em 2001, na plenária da assembleia da UISG - União Internacional das Superiores Gerais -, realizada em Roma, com a participação de 800 religiosas dos diversos institutos e congregações femininas, que declarou publicamente no documento final o seu compromisso contra o abuso e a exploração sexual das crianças e das mulheres, em especial o enfrentamento ao tráfico de mulheres. Destaco um parágrafo desse documento:

'Enviadas a ser uma presença viva de ternura e misericórdia de Deus no nosso mundo ferido, declaramos publicamente a nossa determinação em

trabalhar em solidariedade uma com as outras nas nossas próprias comunidades e nos países em que estamos, em interpelar, insistentemente, em todos os níveis, para o abuso e exploração sexual das mulheres e crianças, com particular atenção para o tráfico de mulheres que se tornou um negócio lucrativo multinacional' (declaração - Plenária UISG, em Roma, 13.05.2001).

Como forma de concretizar esse compromisso em parceria com a OIM (Organização Internacional para a Migração), organizou e realizou, através das conferências nacionais, um programa de formação para religiosas sobre o tráfico de pessoas. Após tê-lo realizado na Itália, Nigéria, Romênia, Albânia, Tailândia e República Dominicana, em 2006, foi a vez do Brasil.

A UISG (União das Superiores Gerais) solicitou à diretoria da CRB nacional a organização de um curso de formação para religiosas que atuassem ou tivessem interesse em conhecer e atuar no enfrentamento ao tráfico de pessoas. Diante da solicitação da UISG, a diretoria da CRB entendeu que a proposta se inseria nesse processo e assumiu a articulação do encontro. Fez um trabalho de sensibilização e divulgação junto às congregações, convidando religiosas que atuassem ou desejassem atuar na prevenção e/ou assistência às vítimas do tráfico de mulheres. Houve uma receptiva adesão: a primeira etapa do curso aconteceu com 30 religiosas, a segunda etapa com 28 religiosas, de 20 congregações e das diversas regiões do país.

No final da segunda etapa, em outubro de 2006, após tirar o véu e perceber a gravidade e a amplitude do problema, o grupo senti-se desafiado a agir de forma articulada no enfrentamento dessa realidade. Houve um clamor do tráfico de pessoas e para esse fim criou-se a rede Um Grito pela Vida, com o compromisso que segue:

Interpeladas pela realidade gritante do tráfico de seres humanos, nós, participantes do programa de formação para religiosas sobre o tráfico de seres humanos, promovido pela União das Superiores Gerais, em parceria com a CRB e com a assessoria técnica da Organização Internacional

para as Migrações, e realizado em duas etapas, a primeira em outubro de 2006, em São Paulo, com a presença de 34 religiosas representando as cinco regiões do Brasil, e a segunda em Salvador, BA, no mês de março de 2007, com a presença de 28 religiosas, motivadas pelo seguimento de Jesus Cristo e respondendo aos apelos dessa desafiante realidade, como Vida Consagrada Inserida em Novos Espaços, assumimos o compromisso de atuar na erradicação do tráfico de seres humanos articulado em rede, tendo como objetivo: atuar na erradicação do tráfico de seres humanos socializando informações; partilhando e fortalecendo ações de prevenção; articulando e integrando ações de apoio às vítimas, motivadas pela mística da Vida Consagrada: o seguimento de Jesus Cristo na defesa da vida.

A rede Um Grito pela Vida é intercongregacional, constituída de aproximadamente 150 religiosas e religiosos de diversas regionais e congregações. É um espaço de articulação e ação solidária da vida religiosa consagrada do Brasil. Desde 2006, como parte constituída da CRB Nacional, atua de forma descentralizada e articulada com as organizações e iniciativas afins nas diversas localidades, estados e municípios. Integra a Rede Talitha Kum - Rede Internacional da Vida Religiosa Consagrada. A rede Um Grito pela Vida permite-nos ampliar alianças intercongregacionistas em prol da vida ameaçada e ferida das pessoas traficadas e violentadas em seus direitos; possibilita-nos ensaiar passos de encarnação em novos espaços sociais, políticos e teológicos.

Com o lema: Enfrentar o Tráfico de Pessoas é Nosso Compromisso, a rede desenvolve um conjunto de atividades de:

Sensibilização e informação, priorizando os grupos em situação de vulnerabilidade, lideranças comunitárias, agentes de pastoral e outros;

Organização de grupos de reflexão e estudo, aprofundando as causas e situações que favorecem: questões de gênero, violência, modelo de desenvolvimento, grandes construções e projetos,

grandes eventos, hedonismo midiático, aumento da precaridade do trabalho, corrupção, impunidade, entre outras;

Capacitação de multiplicadores/as, visando ampliar a ação de enfrentamento ao tráfico de pessoas, principalmente para fins de exploração sexual;

Participação e mobilização social e política de incidência da definição e efetivação de políticas públicas de enfrentamento ao tráfico de pessoas.

O clamor das pessoas traficadas, especialmente mulheres, adolescentes e crianças, impõe-se, hoje, como um imperativo carismático - profético para a vida religiosa consagrada. A crueldade desse crime exige uma decidida e inegociável ação solidária e profética. A presença, a dor e o grito das vítimas é sacramento da presença de Deus clamando por vida, dignidade e liberação. Somos convictas de que o tráfico de mulheres e crianças, com toda a sua complexidade, apresenta-se como um campo de atuação missionária, 'um desafio - clamor que nos toca profundamente e convoca todas e todos a estar de maneira estratégica do lado das pessoas indefesas, com uma práxis libertadora ao modo de Jesus de Nazaré'. Trabalhar nesse campo não é somente uma opção, mas uma necessidade que o Evangelho nos impõe como condição de fidelidade ao projeto do Reino.

Aqui em Florianópolis o grupo está-se organizando, buscando sensibilizar mais pessoas e instituições para somar forças e ir atuando de forma preventiva, podendo dar apoio, proteção e também buscar ajuda junto aos órgãos competentes para que sejam também punidos os responsáveis que trabalham na exploração e escravização das pessoas a fim de obter lucro com o sofrimento dos mais fracos.

A CRB convoca os religiosos e religiosas a participarem com grande empenho na Campanha da Fraternidade deste ano, e todos os cristãos para que unidos formem a rede em defesa da vida."

Muito obrigada!

(Palmas)

(SEM REVISÃO DA ORADORA)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Padre Pedro Baldissera) - Muito obrigado, irmã Elisete Perondi.

Com a palavra o sr. mestre-de-cerimônias, Ailton Viel, para proceder à nominata dos homenageados.

O SR. MESTRE-DE-CERIMÔNIAS (Ailton Viel) - A igreja propõe como tema da Campanha da Fraternidade de 2014: Fraternidade e Tráfico Humano, e como lema: É para a Liberdade que Cristo nos Libertou.

A campanha deste ano preocupa-se com todos aqueles que são usados para o tráfico humano, de trabalho, de órgãos e a prostituição.

A maioria das pessoas traficadas vive em situação de pobreza e grande vulnerabilidade, o que facilita o aliciamento com falsas promessas de vida melhor.

Como diz o Papa Francisco: 'O tráfico de pessoas é uma atividade desprezível, uma vergonha para as nossas sociedades que se dizem civilizadas'.

Dando continuidade à solenidade, convido o excelentíssimo sr. deputado Joares Ponticelli, presidente em exercício deste Parlamento, e o sr. deputado Padre Pedro Baldissera, para fazerem a entrega das homenagens às pessoas e entidades que se destacam pelos relevantes serviços prestados em favor da dignidade, da justiça e da segurança, na conscientização e no combate às diversas formas de violação dos direitos humanos.

Convido para receber a homenagem sua excelência reverendíssima dom Wilson Tadeu Jönck, neste ato representando a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB Regional Sul 4.

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil é a instituição permanente que congrega os bispos da Igreja Católica no país e foi criada em 1952. A Campanha da Fraternidade é uma das principais atividades organizadas pela CNBB todos os anos. Entre várias atribuições, a entidade fomenta debates, estudos e ações, tratando de questões significativas para a igreja e para a sociedade.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Solicitamos que dom Wilson Tadeu Jönck permaneça na companhia do presidente Joares Ponticelli e do deputado Padre Pedro Baldissera para fazer a entrega das homenagens.

O Ministério Público do Trabalho de Santa Catarina seria homenageado nesta oportunidade. Mas, em virtude do trágico falecimento do procurador regional do Trabalho, Egon Koerner Junior, ocorrido na madrugada de ontem, a procuradora-chefe, dra. Ângela Cristina Santos Pincelli, receberá a homenagem em gabinete das mãos do deputado Padre Pedro Baldissera.

Convido para receber a homenagem o padre Cildo Inácio Rokembach, coordenador estadual da Comissão Pastoral da Terra e da Diocese de Chapecó, neste ato representando a entidade.

A Comissão Pastoral da Terra foi criada em junho de 1975 e possui 21 Regionais espalhadas por todo o Brasil. Em Santa Catarina, o trabalho iniciou em 1977, no oeste do estado, com o apoio do saudoso bispo dom José Gomes. A Comissão Pastoral da Terra destaca-se por atividades de formação e pela luta por justiça e direitos no meio rural, pelo respeito à natureza e por uma relação de harmonia entre o homem e a produção de alimentos.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Convido para receber a homenagem a irmã Elisete Perondi, neste ato representando a Conferência dos Religiosos do Brasil.

A Conferência dos Religiosos do Brasil completa, no ano de 2015, 60 anos de trabalho. A entidade unifica todas as congregações brasileiras e busca manter presente o compromisso dos religiosos com o povo e com a igreja.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Convido para receber a homenagem a agente de polícia Marcia Hendges, neste ato representando a Polícia Civil de Santa Catarina - Delegacia de Polícia de Pessoas Desaparecidas.

A Polícia Civil, através da Delegacia de Polícia de Pessoas Desaparecidas, é a terceira unidade do gênero no país. A estrutura atende a todo o estado na localização de pessoas. Desde 2002 foram registrados em Santa Catarina 18 mil desaparecimentos, e 90% dos casos foram resolvidos. A delegacia funciona em São José, na Grande Florianópolis.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Convido para receber a homenagem o major Marcus Roberto Claudino, coordenador do programa SOS Desaparecidos, neste ato representando a Polícia Militar de Santa Catarina.

A Polícia Militar de Santa Catarina é a única no Brasil com uma equipe especializada em desaparecimentos. Desde 24 de outubro de 2013 também conta com o programa SOS Desaparecidos, focado em missões de atendimento e resposta ao desaparecimento, priorizando as crianças e adolescentes. O programa ainda criou a Coordenaria Estadual de Pessoas Desaparecidas que, através de uma equipe, terá disponibilidade e exclusividade de dedicação na busca, divulgação e armazenamento de dados dos desaparecidos.

(Procede-se à entregada da homenagem.)

(Palmas)

Convido para receber a homenagem os delegados: Roberto de Oliveira Cardoso, Cleyton Eustáquio Xavier, e Ildo Raimundo da Rosa, neste ato representando a Polícia Federal - Superintendência Regional de Santa Catarina - Delegacia Institucional.

A Polícia Federal tem um amplo trabalho de controle das fronteiras e atua em conjunto com as polícias de outros países no combate ao tráfico de pessoas. O trabalho já teve diversos resultados positivos, como em julho de 2013, quando, em conjunto com a polícia espanhola, desarticulou uma rede que aliciava mulheres brasileiras para a prostituição na Europa.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Convido para receber a homenagem o sr. Gerson Rumayor, neste ato representando o Portal da Esperança.

O Portal Esperança SOS Criança em Ação tem sede em Florianópolis, e foi fundado em 19 de maio de 2005. A entidade trabalha com a educação, prevenção e orientação dirigida a crianças e jovens, com base no Estatuto da Criança e do Adolescente. Entre seus objetivos está a prevenção ao desaparecimento de crianças e adolescentes.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Convido para receber a homenagem a sra. Elenilde Alves da Silva, neste ato representando o Grupo de Apoio aos Familiares Desaparecidos.

O Grupo de Apoio aos Familiares Desaparecidos foi criado para apoiar, orientar e encaminhar os familiares de desaparecidos para ações como assistência social, psicológica e jurídica. O objetivo é dar suporte às pessoas que enfrentam a angústia de ter um familiar desaparecido.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Convido para receber a homenagem a sra. Ingrid Amanda Boldeke, neste ato representando a Associação Desaparecidos do Brasil.

A Associação Desaparecidos do Brasil é uma mobilização voluntária no sentido de promover a conscientização das pessoas, instituições, empresas e organizações sobre o grave problema do desaparecimento de pessoas, sejam eles adultos ou crianças.

A entidade nasceu em 1997 a partir de um desaparecimento em família e foi oficializada em 2006, com o objetivo de desenvolver ações que visem a beneficiar as famílias dos desaparecidos, orientando nos caminhos a serem tomados, ajudando nas buscas, dando apoio psicológico e divulgando fotos e dados.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Convido para receber a homenagem a dra. Erli Camargo, neste ato representando o Movimento Nacional de Direitos Humanos em Santa Catarina.

O Movimento Nacional de Direitos Humanos em Santa Catarina luta em todo país contra as violações de direitos básicos para a realização da dignidade humana tanto de iniciativa pública quando privada sustentadas na impunidade. Criado no início dos anos 80, o movimento age também de forma preventiva na divulgação de cartilhas de direitos e informando sobre o tema.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Convido para receber a homenagem o sr. Renato Amaral, neste ato representando o Movimento Catarinense de Busca da Criança Desaparecida.

O Movimento Catarinense de Busca da Criança Desaparecida foi criado em 30 de abril de 2004, em Joinville, tendo como objetivo a prevenção e divulgação de casos de desaparecimentos. Sua prioridade é desenvolver projetos e implementar ações que despertem na sociedade a solidariedade e proteção às crianças vítimas desta violência.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Convido para receber a homenagem o jornalista Eurico Meira da Costa, neste ato representado o Grupo RBS.

O Grupo RBS abriu espaços privilegiados para que familiares de desaparecidos pudessem divulgar imagens e dados dessas pessoas. Além disso, através de seus profissionais, abordou diversas vezes os temas do comércio ilegal de bebês, do trabalho escravo e da exploração.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Convido para receber a homenagem a jornalista Graziane Ubiali, do *Jornal do Almoço*, da RBS TV.

Graziane Ubiali está na RBS há um ano e meio. A jornalista comanda o quadro Desaparecidos exibido todas as terças-feiras no *Jornal do Almoço*. O trabalho jornalístico aborda casos de desaparecimentos de todas as regiões do estado. Além de garantir um canal direto das famílias com

a sociedade, o quadro foi fundamental na criação da Delegacia de Desaparecidos no estado.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Convido para receber a homenagem a jornalista Mônica Foltran, do jornal *Diário Catarinense*.

Em agosto de 2012, a jornalista Mônica Foltran foi responsável pela série Órfãos do Brasil, no *Diário Catarinense*, que contou a história de jovens traficados na década de 1980 e que hoje moram em Israel, no Oriente Médio. A série resultou em uma mobilização de toda a sociedade na busca pelo passado desses jovens, como também serviu de alerta para a gravidade do tráfico de bebês. Com repercussão, mães que entregaram os seus filhos em troca de pequenos favores ou pressionadas por quadrilhas, entraram em contato com o jornal para revelar o seu passado na esperança de poder reencontrá-los.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Agradecemos ao presidente em exercício da Assembleia Legislativa, deputado Joares Ponticelli, a sua excelência reverendíssima dom Wilson Tadeu Jönck, Arcebispo Metropolitano de Florianópolis, e ao deputado Padre Pedro Baldissera.

Neste momento, convido Amanda Peliciolli para interpretar o hino oficial da Campanha da Fraternidade de 2014.

Amanda Peliciolli, do município de Luzerna, iniciou a sua carreira aos sete anos de idade participando de festivais, apresentações e homenagens. Hoje, com 16 anos, toca e canta em jantares italianos, casamentos, bares, missas e homenagens. Conquistou várias premiações em festivais da canção em sua região. Amanda participa de grupos de jovens, atua na catequese e em grupos de cantos em sua paróquia.

(Procede-se à interpretação do hino.)

(Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Padre Pedro Baldissera) - Obrigada, Amanda, pela interpretação do hino da Campanha da Fraternidade. Como é bom

também ver a nossa juventude participando, envolvida. É sinal de libertação, de participação e de comprometimento na sociedade.

Parabéns, Amanda!

Convido para fazer uso da palavra a sra. Elenilde Alves da Silva, mãe de filho desaparecido, do Grupo de Apoio aos Familiares Desaparecidos.

A SRA. ELENILDE ALVES DA SILVA - Senhoras e senhores, além de fazer parte do Grupo de Apoio aos Familiares de Pessoas Desaparecidas, também sou mãe de um menino desaparecido.

É um imenso prazer para mim nesta noite porque conto um pouco da minha história a todos vocês. A maioria de nós, mulheres, desde menina sonha em ser mãe, e eu não fui diferente. Aos 14 anos já havia escolhido o nome que daria ao meu primeiro filho, quando o tivesse. Aos meus 17 anos nasceu um belo menino e eu lhe dei o nome de Mikelângelo. Eu adorava este nome!

Aos 21 anos conheci o maior dos pesadelos de minha vida. No dia 1º de novembro de 1980, na cidade de Foz do Iguaçu, no estado do Paraná, meu filho de apenas quatro anos de idade foi violentamente levado por alguém sem escrúpulos, dó nem piedade. Daquele dia em diante, fui levada a travar uma árdua batalha em busca de respostas para o acontecido.

Muitos caminhos foram percorridos, portas uma a uma batidas, uma a uma fechando-se, e uma busca solitária foi-se formando ao longo de minha vida. Durante todos esses anos busquei forças para prosseguir e para cuidar de mim e dos meus dois outros filhos.

As lágrimas acumularam, guardei-as no íntimo do meu coração. Hoje o que tenho do meu filho são apenas recordações, a lembrança parada no tempo, poucos aninhos de vida. Perdi tudo o que havia para viver ao lado dele, e o mais triste de tudo isso é que não há nada neste mundo que possa reparar esse dano em nossas vidas. Mas, apesar de tudo, considero-me uma pessoa feliz e abençoada por Deus por ter superado os piores momentos de minha vida e continuar a manter viva a esperança

de encontrá-lo um dia, e, se for possível, se não for pedir muito a Deus, com vida. E, sendo assim, acredito que as lágrimas que guardo no fundo do meu coração com toda certeza virão mais fortes pela emoção do encontro. Aí, sim, vou chorar muito, muito mesmo, mas de muita alegria.

(Palmas)

Falo em nome de todas as mães de uma pessoa desaparecida, em especial de uma mãe aqui presente que tem uma filha desaparecida, uma querida amiga que ainda não conheço e vou conhecer pessoalmente logo mais, a Sandra Moreno, que também é uma mãe batalhadora e sofredora como todas nós. Ela é digna de todo respeito, porque também a temos como exemplo de uma mulher guerreira.

Quero cumprimentar todas as pessoas que estão aqui presentes ouvindo-nos neste momento e agradecer a esta Casa e a toda a Igreja Católica por abraçar essa causa na Campanha da Fraternidade. É um contentamento muito grande saber que há esperança, que existe possibilidade de mudança. É preciso refletir sobre essa questão, sim, e buscar um meio de vida melhor para todas as famílias do Brasil e de todo o mundo para que essa epidemia não destrua mais lares, para que outras mães e outros pais não sofram essa dor e que outras famílias não sejam destruídas.

Agradeço a todos de coração!

Muito obrigada!

(Palmas)

(SEM REVISÃO DA ORADORA)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Padre Pedro Baldissera) - Agradeço a manifestação da sra. Elenilde e quero dizer que a esperança tem que ser a grande força motivadora para que os sonhos se tornem realidade no dia a dia da vida e da caminhada de cada um de nós. Nunca podemos perder a esperança.

Neste momento, fará uso da palavra a dra. Eli Camargo, pertencente ao Movimento Nacional dos Direitos Humanos em Santa Catarina.

A DRA. ELI CAMARGO - Quero, inicialmente, saudar o deputado Padre Pedro Baldissera, que está presidindo a sessão, e em seu nome saudar todos os

componentes da mesa e, em especial, as famílias, a comunidade notadamente de Florianópolis aqui presente.

Gostaria de dizer que eu, do Movimento Nacional dos Direitos Humanos em Santa Catarina, sinto-me honrada de falar em nome dos homenageados. É um compromisso grande.

Esse tema aqui tratado remete-nos a um sentimento ecumênico muito forte, porque é um tema que ultrapassa fronteiras nacionais, confissões religiosas, partidos políticos e tem classe, pois atinge muitíssimo mais a classe pobre. E isso nos preocupa bastante.

Então, o Movimento sente a necessidade de chamar atenção ao que foi mencionado - e não aos números, porque eles estão aí e são fato -, que é a solidariedade. Neste momento de reflexão ecumênica nacional - e eu diria que em todos os cantos onde há pessoas com esse problema, direta ou indiretamente afeta-nos no mais profundo da nossa dignidade, é importante lembrarmos que solidariedade é a palavra. Não há lei que nos obrigue a ser solidários. A única coisa que nos obriga a ser solidários é o sentimento de humanidade. E aí o Movimento Nacional dos Direitos Humanos, ao longo dos seus 33 anos de idade no Brasil, é obrigado a dizer que solidariedade é que nos irmana como homenageados, esta palavra tão importante.

Trazemos um *banner* em que colocamos: "Companheiros, não precisamos de muita coisa, só uns dos outros". Então, o que nos propusemos a fazer? Primeiramente, assumir juntos o compromisso de solidariedade em torno dos direitos humanos, que é o grande lance, a grande satisfação ou a grande insatisfação de alguns, que sendo violadores sentem-se incomodados com a nossa presença. Que bom que se sentem assim, porque se a nossa presença os incomoda é porque fazemos diferença, e fazemos com compromisso e consciência. Denunciamos, esperneamos, brigamos, insistimos e não transigimos, porque com direitos humanos não se transige. E, neste caso em particular, todavia mais.

Então, no momento em que, por exemplo, todos nós, independentemente de confissão religiosa, trabalhamos para que a Comissão da Verdade - e era, inicialmente, para ser Comissão de Justiça, Memória e Verdade - resgate o que ficou para trás, e não apenas na época da ditadura, porque ela já se foi, mas algumas coisas seguem acontecendo, seguem sendo o nosso calo, seguem sendo uma ferida aberta...

Esta cruz que está colocada neste plenário dá um sentimento de templo a esta Casa. Sabemos que estão presentes, no fazer do dia a dia, hipocrisias tremendas que não podem ser silenciadas. Elas têm que ser denunciadas, e esse é o nosso papel.

Além disso, existe também o Comitê Contra a Tortura. Que pena que no Brasil inteiro não há reconhecimento ao trabalho voluntariado. E sabemos que trabalho voluntário, trabalho institucionalizado e trabalho pela boa vontade é tremendamente difícil de ser realizado. Então, enfrentamos essa dificuldade e acreditamos que todos os homenageados têm isso em comum também.

Além disso, temos inserções múltiplas em conselhos paritários exercendo a nossa cidadania desde o ponto de vista do controle social das políticas públicas. Isso é prática comum nossa. Não há novidade nenhuma quando se diz que o militante de direitos humanos, estando ou não dentro do Movimento de Direitos Humanos, sendo ou não filiado ao Movimento de Direitos Humanos, como é o caso, no Brasil, de mais de 400 entidades, e aqui em Santa Catarina já estamos caminhando para a casa das 20... É pouco, mas estamos caminhando para frente no sentido de trabalhar em conjunto as preocupações com segurança pública e com todo tipo de violação dos direitos humanos, seja no aspecto da Campanha da Fraternidade deste ano, seja em outros aspectos: contra a criança e o adolescente nos vários setores da sua vida, contra deficientes, homossexuais, idosos, populações de rua, pobres, negros. Enfim, para que consigamos realmente atingir o que chamamos de dignidade da pessoa humana, porque dignidade é um tema.

No Brasil, há algum tempo, não se falava em direitos humanos, e quem o fazia já era condenado de antemão porque era defensor de bandido, porque escondia coisas por lá e defendia isso, aquilo. Era uma equivocada interpretação do que é realmente o trabalho do militante pelos direitos humanos.

Como seria, se não fosse a luta pelos direitos humanos, seja nas Pastorais da Igreja Católica, seja nos movimentos ecumênicos, seja até pelo próprio Movimento dos Direitos Humanos que hoje é um articulador nacional, inclusive, dessas 400 entidades que falei e da sociedade civil em torno do monitoramento até das políticas governamentais federais que precisam ser monitoradas para que aconteçam? Como seria, se não fossem as nossas lutas nos diferentes meios, nas diferentes formas para denúncia, garantia, reparação e promoção de direitos violados ou em vias de serem violados, junto com a CPT e em parceria com as diferentes polícias, com as diferentes frentes, as ONGs, as Oscips, que enfrentam diuturnamente a cruz que é carregar direitos violados?

Não nos calam e não nos permitimos calar, e sempre que temos oportunidade denunciemos as violações, sim. Dizem que isso atrapalha a polícia. Mas desde quando, se é através da luta pelos direitos humanos que a polícia muitas vezes fica sabendo das violações e pode atuar? Se é apenas para defender bandido... Calma! Devagar! Porque, primeiro, todo ser humano merece ser respeitado, e se nós sabemos que no nosso país há uma lei de execuções penais que não funciona na prática, nós precisamos também trabalhar nesse sentido, é nosso dever.

Então, temos que interpretar de forma acertada, de forma correta, para não termos os equívocos sendo repetidos. Solapa a soberania nacional. Alto lá! Se o nosso país cumprisse as próprias leis, não haveria necessidade de nenhum tipo de reclamação na OEA, na Corte Interamericana e, se for o caso, até na Corte Penal Internacional. É nosso dever fazer isso. E aqui todos os homenageados têm isso em comum, de um

jeito ou de outro, porque, uma vez contado para a sociedade o que está acontecendo de errado, mobilizando-a, nós cumprimos o nosso dever. E, mais que o dever, o nosso sentimento de humanidade solidifica-se nesse sentido.

Assim, nós repudiamos veementemente todo tipo de violação dos direitos humanos presente na sociedade e que diz não à vida. Todas as Campanhas da Fraternidade de que eu me lembre trabalham neste sentido de respeito à vida.

Que bom, deputado Padre Pedro Baldissera, que até o seu mandato tem este *slogan*, que é praticamente o mesmo do Movimento Nacional dos Direitos Humanos: Luta pela Vida contra a Violência.

Num momento em que, por exemplo, esta Casa encampa a Frente Parlamentar dos Homens pelo Fim da Violência Contra as Mulheres, honra-nos, como mulheres, com o trabalho belíssimo que nós acreditamos que vai funcionar. Num momento em que o parlamentar que aqui preside a mesa apoia a criação dos Conselhos da Juventude neste ano que passou, e que está em tramitação, e do Conselho Estadual dos Direitos Humanos, que também está em tramitação, e que leva ao debate público e à aprovação de uma emenda na Constituição Estadual que coloca mais um representante da sociedade civil nos conselhos, engrandece o nosso trabalho e incumbe-nos de mais uma tarefa, que é o trabalho de mobilização para que possamos ter realmente participação de qualidade e que nos obriga a trabalhar no sentido da educação e direitos humanos, porque somente falar em direitos humanos não vale à pena, minha gente. Todos falam em direitos humanos, e no momento em que todo mundo está falando em direitos humanos, nós dizemos assim: vamos parar com a hipocrisia e trabalhar para que realmente os direitos humanos sejam respeitados.

Termino a minha fala dizendo que em nenhum momento vamo-nos calar diante de qualquer tipo de violação de direitos, seja contra mulheres, crianças e adolescentes; seja essa violência sexual; seja por abandono; seja por desrespeito à

dignidade da pessoa que está em situação de rua; seja por ela ser pobre, ser negra, não importa. Esteja ela presa, encarcerada, ou livre, nós vamos trabalhar incansavelmente com as armas que temos para que isso nunca mais aconteça, para que isso se minimize, e para que possamos, se merecermos é claro, ter não somente uma homenagem desta Casa, mas uma homenagem entre os eleitos, diríamos em linguagem teológica, entre aqueles que merecem realmente o lugar por fazer por merecer.

Não queremos que o nosso trabalho seja de palavras. Discursos nós temos bastantes, nós precisamos é de prática, e este momento é propício para isso. Todo mundo está sensível. Quem não chorou diante da belíssima voz da Amanda e do conteúdo do hino que ela acabou de cantar? Quem não se emocionou diante das palavras da mãe? Vou torcer muito para que o seu filho venha para o convívio da sua família, assim como das demais.

Não tem como não nos emocionarmos diante disso. Mas somente de emoção nós não vivemos. Nós vivemos de práticas boas. E essas práticas é que estão presentes em cada um de nós.

Então, para concluir, quero citar todos os Centros de Direitos Humanos de Santa Catarina que são filiados ao movimento. Os Centros dos Direitos Humanos de: Joinville - e esse foi o primeiro fundado em Santa Catarina -, Brusque, Mafra, Jaraguá do Sul, Lages, Caçador, São Joaquim, Itajaí, Florianópolis, Rio do Sul, Blumenau, entre outras entidades, e que, provavelmente, até existem representantes aqui, e tenho medo de ser injusta com alguém.

Queremos dizer que estamos abertos para o diálogo e para conciliar as nossas agendas para visitarmos, se for necessário, os espaços e podermos trabalhar em conjunto. Esse é o nosso papel. Esse mercado macabro, e que foi o tema desta noite, precisa ser acabado.

Eu tive a oportunidade de fazer um trabalho de campo em Madri, por força de um curso, e descobri que na Espanha, em todos os lados, sul, norte, existem mulheres brasileiras sendo prostituídas. Isto é grave, muito grave! É muito doloroso saber

que compatriotas nossas estão por aí muitas vezes iludidas. As famílias, crentes de que elas estão trabalhando fora, numa boa, e não é bem assim. É uma pena e uma lástima! Nós lamentamos muito e não vamos nos calar diante de tantas coisas que violam os direitos humanos não somente nessa área.

Gostaria de agradecer ao deputado Padre Pedro Baldissera e aos demais homenageados e de dizer ao parlamentar italiano que a Itália nos deve algumas respostas com relação a isso, porque aceita e, como nós, também não conseguiu ainda superar esse problema. A América Latina sangra todos os dias, porque latino-americanos são, hoje, explorados no norte, explorados na Europa, e nós temos que fazer alguma coisa!

Muito obrigada!

(Palmas)

(SEM REVISÃO DA ORADORA)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Padre Pedro Baldissera) - Convido para fazer uso da palavra sua excelência reverendíssima dom Wilson Tadeu Jönck, Arcebispo Metropolitano de Florianópolis.

O SR. WILSON TADEU JÖNCK - Meu caro deputado Padre Pedro Baldissera, e deputado Joares Ponticelli, presidente desta Casa, quero saudar todos os membros da mesa e também cumprimentar todos os presentes. Temos tantos representantes de entidades em torno desse tema e essa é primeira consideração de que eu gostaria de fazer. Esse tema conseguiu mobilizar de fato muita gente, muitas entidades.

Antes de começarmos propriamente o lançamento da Campanha da Fraternidade, gostaria de dizer que já havia muita coisa acontecendo na imprensa. O trabalho de jornalismo que está sendo feito é algo realmente formidável, os movimentos em prol dos desaparecidos e tantas frentes. Eu diria que isso é o desejo daquilo que se propõe na Campanha da Fraternidade lançada pela Conferência dos Bispos do Brasil.

(Passa a ler.)

"A Campanha da Fraternidade de 2014, quando fala de tráfico humano, está-se referindo principalmente a quatro modalidades, e são elas: a

exploração do trabalho escravo, ou seja, submeter alguém a uma atividade equiparada ao trabalho escravo; o aliciamento de pessoas, principalmente mulheres, para exploração sexual; o tráfico de pessoas para venda de órgãos - e não tem nada a ver com a doação voluntária de órgãos; venda de crianças para a adoção.

A Igreja e a sociedade se opõem a essa prática porque fere a dignidade do ser humano. A dignidade humana é um conceito que foi-se consolidando através da história. Na antiguidade, atribuía-se a dignidade a alguém pela posição social que ocupava. Segundo este modo de ver, alguns indivíduos tinham mais dignidade que outros. Na Grécia eram considerados cidadãos somente os que pertenciam à polis. Não faziam parte os escravos e as mulheres.

Já no século XVII a dignidade passou a ser compreendida como direito natural de todos os membros do gênero humano. O manual da CF, publicado pela CNBB, recolhe uma citação do filósofo Kant:

'No reino dos fins, tudo tem um preço ou dignidade. Quando uma coisa tem preço, pode ser substituída por algo equivalente, mas quando uma coisa está acima de todo preço e, portanto não permite equivalência, então ela tem dignidade. O direito à vida, à honra, à integridade física, à integridade psíquica, à privacidade, dentre outros, é essencial, pois, sem ele, não se concretiza a dignidade humana. A nenhuma pessoa é conferido o poder de dispô-lo, sob pena de reduzir sua condição humana; todas as demais pessoas devem abster-se de violá-lo'. (p.77)

A dignidade é o inestimável, aquilo que não pode ter preço nem servir como moeda de troca. Pessoas não são coisas, devem ser tratadas sempre como fim e nunca como meio. Nenhum ser humano pode ser tratado como propriedade ou como animal.

Esta concepção de dignidade humana teve o seu reconhecimento definitivo em 1948, com a Declaração dos Direitos Humanos pela ONU. No seu art. 1º diz: "Todos os homens nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de

razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade.”

A Igreja Católica reconhece a importância da Declaração dos Direitos Humanos. Há, porém, uma razão mais profunda para afirmar que todas as pessoas são iguais nos seus direitos e na sua liberdade, sujeitos de suas relações e responsáveis pelos seus atos. Somos todos criados por Deus e, como criaturas de Deus, temos igual dignidade. Mas, porque Deus ama todos, também nós devemos aprender a amar todos. Desta forma, viveremos como uma família e construiremos a fraternidade universal.

Em vista da dignidade, inerente a cada ser humano, ninguém pode ser instrumentalizado por estruturas sociais, econômicas ou políticas. Somos convidados a envidar todo esforço para que nenhuma pessoa seja reduzida à categoria de mercadoria. Que nenhuma pessoa seja explorada para fins alheios a sua dignidade, como acontece em toda forma de tráfico humano.”

Ao encerrar, quero agradecer ao deputado Padre Pedro Baldissera pela proposição desse tema e dessa sessão nesta Casa tão importante. Também agradeço pelo apoio e gostaria de dizer que penso que de fato é um dever nosso lutar para que esse tema possa ter essa relevância em nosso meio e que o tráfico humano possa ser alguma coisa deixada para trás.

Muito obrigado!

(Palmas)

(SEM REVISÃO DO ORADOR)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Padre Pedro Baldissera) - Queremos, de coração, agradecer, em nome desta Casa, o Poder Legislativo, ao nosso arcebispo, dom Wilson Tadeu Jönck, pela presença constante em nosso meio e pelo testemunho de vida e de fé. E isso nos anima na nossa caminhada e na nossa missão.

Ainda quero registrar a presença do padre Vilson Groh, sempre presente com um belíssimo trabalho, e de tantos outros padres, irmãs, religiosos, religiosas e agentes de pastorais

sempre presentes em nossas celebrações da Campanha da Fraternidade.

Gostaria de lembrar que a Campanha da Fraternidade deste ano tem como tema Fraternidade e Tráfico Humano e como lema, inspirado na Carta aos Gálatas, Capítulo 5, Versículo 1, É para a Liberdade que Cristo nos Libertou.

Neste momento peço que cada um, no seu coração, reze junto comigo a oração da Campanha da Fraternidade, e possa elevar até os nossos telespectadores da TVAL e aos ouvintes da Rádio Alesc Digital.

(Procede-se à oração.)

Em meu nome e em nome do presidente em exercício, deputado Joares Ponticelli, gostaria de agradecer aos padres, religiosos, religiosas, irmãs, agentes de pastorais, lideranças ligadas às organizações e movimentos, ONGs e a cada um e cada uma de boa vontade que aqui estiveram nesta noite. E como foi bom tê-los aqui presentes para esta nossa atividade! O Parlamento se sente honrado e orgulhoso pela presença de vocês, pois estamos aqui há mais de duas horas ouvindo os oradores e acompanhando a sessão. Mas, com certeza, iremos carregar no coração a mensagem de esperança e a palavra de solidariedade. Nós, seres humanos, devemos fazer com que esses valores estejam presentes em todos os momentos da nossa vida.

Outrossim, agradecemos à TVAL, à Rádio Alesc Digital, à imprensa, enfim, agradecemos aos nossos homenageados e às nossas homenageadas e, de coração, queremos dizer muito obrigado pela presença de todos vocês.

Convidamos todos para, de pé, ouvirem a interpretação do Hino de Santa Catarina pelo coral da Assembleia Legislativa, sob a regência do maestro Reginaldo da Silva.

(Procede-se à interpretação do hino.)

Encerramos a presente sessão, convocando outra, ordinária, para amanhã, à hora regimental, com a seguinte Ordem do Dia: matérias em condições regimentais de serem apreciadas pelo Plenário.

Está encerrada a presente sessão.

